

## GRACILIANO RAMOS NA UNIÃO SOVIÉTICA: *Viagem* (1954) e o PCB

### GRACILIANO RAMOS IN THE SOVIET UNION: *Viagem* (1954) and the PCB

Vinícius Azevedo<sup>1</sup>

**Resumo:** Em abril de 1952, Graciliano Ramos (1892-1953), membro do Partido Comunista do Brasil (PCB), viajou à União Soviética para as comemorações do 1º de Maio. Visitou escolas, fábricas, pontos turísticos e culturais. Dessa experiência, nasceu *Viagem* (1954), obra póstuma e incompleta com impressões do autor sobre o Leste Europeu socialista. Este trabalho divide-se em duas partes: na primeira, analisamos quatro dessas reflexões, três em Moscou, e uma em Tbilisi, capital da Geórgia. Na segunda, apresentamos a recepção da obra pelo PCB, em três momentos: a tentativa de impugnação do livro, as críticas iniciais e, após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (1956), a autocritica dos comunistas brasileiros sobre o tratamento dado aos escritores do Partido.

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), *Viagem* (1954), Literatura brasileira, Partido Comunista do Brasil (PCB).

**Abstract:** In April 1952, Graciliano Ramos (1892-1953), a member of the Communist Party of Brazil (PCB), traveled to the Soviet Union to attend May Day celebrations. He visited schools, factories, and cultural and tourist sites. This experience culminated in *Viagem* (1954), a posthumous, unfinished work compiling the author's observations on socialist Eastern Europe. This study is divided into two parts: the first examines four of Ramos' reflections, three set in Moscow, and one in Tbilisi, the capital of Georgia. The following explores the PCB's reception of the work in three key-phases: the attempt to discredit the book, the initial critiques, and, following the 20th Congress of the Communist Party of the Soviet Union (1956), the Brazilian communists' self-criticism regarding their treatment of Party-affiliated writers.

**Keywords:** Graciliano Ramos, Union of Soviet Socialist Republics (USSR), *Viagem* (1954), Brazilian literature, Communist Party of Brazil (PCB).

#### *Introdução*

Em outubro de 1917, no calor da Primeira Guerra Mundial, um evento singular desporta: a possibilidade concreta de se construir um governo dos trabalhadores no seio do mais atrasado império europeu. Esse fato novo marcou aquele século e a história para sempre, inaugurando não apenas uma nova forma de Estado, mas também uma potente tradição intelectual<sup>1</sup> comprometida com a emancipação humana, que influenciou gerações de pensadores, movimentos sociais e sindicais a travarem suas lutas. É bem verdade que não foi a primeira tentativa bem-sucedida; os *communards*, afinal, tomaram Paris por 72 dias em 1871: o suficiente para marcar o pioneirismo e demarcar o horizonte revolucionário, mas não o bastante para expor as potencialidades de um modo de vida

<sup>1</sup> Mestre e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP, campus Araraquara, com bolsa CAPES-DS. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela mesma instituição. E-mail: [vinicius.azevedo@unesp.br](mailto:vinicius.azevedo@unesp.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8408417269654549>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6540-1946>.

para além do capitalismo. Essa nobre e difícil tarefa, como tantas outras, foi herdada pelos revolucionários russos, que a partir dos escombros de séculos de dominação e exploração tsarista — um vasto território marcado pela fome endêmica, pelo analfabetismo massivo e por relações semifeudais — representadas pelas mais pretéritas formas de servidão material e espiritual, teriam que construir o socialismo e, com isso, carimbar o passaporte da história. Como uma fantasmagoria secular, os espíritos revolucionários de outras épocas, após assombrarem por milênios as mentes de seus dominadores, finalmente se viram realizados naqueles que tomaram o Palácio de Inverno na noite de 25 de outubro de 1917.

Como não podia ser diferente, tão logo a revolução triunfou, a reação se formou. Um cerco capitalista implacável, que ia da invasão militar por exércitos estrangeiros a uma guerra cultural e de contrapropaganda permanentes, moldou desde o início o desenvolvimento da URSS e a forma como ela se apresentava ao mundo. É, em parte, sobre esse contexto que escreve Graciliano Ramos, um dos nossos mais ilustres escritores, nas crônicas reunidas na obra *Viagem*. Seu relato em questão constitui-se como um documento de um momento específico: o apogeu do culto à Stalin, mas também o início da sua crise. Trata-se de um período em que a revolução buscava consolidar as suas conquistas materiais e seu modo de vida, mas simultaneamente lidava com contradições internas. Sete décadas atrás, o “velho Graça” registrou suas impressões sobre sua ida a Tchecoslováquia e União Soviética, em ocasião do 1º de Maio de 1952, trinta e cinco anos da revolução de 1917. É também na obra que se encontram as últimas linhas escritas pelo autor alagoano, publicado postumamente em 1954, um ano após sua morte. Os 34 capítulos foram escritos por Graciliano entre 31 de maio e 5 de outubro de 1952. Nove deles foram redigidos ainda no navio durante o regresso ao Brasil; outros, durante a estadia médica em Buenos Aires e a internação no Rio de Janeiro (Moraes, 1993, p. 292); a esse material somam-se notas pormenorizadas feitas pelo autor durante as visitas que realizou. Como um pesquisador que registra suas observações no caderno de campo, Ramos anota diálogos, nomes, dados e estatísticas por ele coletados durante a estadia no bloco socialista.

Nascido em 27 de outubro de 1892 em Quebrangulo, interior de Alagoas, o autor de *Caetés* (1932), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938) foi também preso político do Estado Novo acusado de participar na chamada “Intentona Comunista” de 1935 — evento que lhe subtraiu onze meses de liberdade, cujo relato encontra-se na obra póstuma *Memórias do Cárcere* (1953). Amigo de Luís Carlos Prestes, “Graça” ingressou no Partido Comunista do Brasil (PCB) ao final da Segunda Guerra

Mundial, a convite do próprio Prestes que, como secretário-geral, buscava reorganizar o Partido. O episódio é narrado por Dênis de Moraes, um de seus biógrafos:

Em uma viagem de avião a Belo Horizonte, os dois se encontraram casualmente. [...] Como era inevitável, a política entrou em pauta, e, assim que pôde, Prestes perguntou à queima-roupa:

– Graciliano, por que você ainda não é membro do partido?

– O que é que eu posso fazer no partido, Prestes? Eu não sei fazer outra coisa senão escrever. Não sei guerrear, porque minha arma é a pena.

Prestes respondeu:

– Você acha pouco? Pessoas como você, Portinari e Oscar Niemeyer são indispensáveis ao partido.

Ao retornar, Graciliano disse a Heloísa [sua segunda esposa]:

– Ló, eu fiquei tão espantado, porque nunca pensei que pudesse ter valia como militante.

Prestes abonou a ficha de filiação assinada por Graciliano na manhã de 18 de agosto de 1945. [...] No dia seguinte, o jornal [*Tribuna Popular*] estamparia em manchete: “Adere ao Partido Comunista o escritor Graciliano Ramos” [...] a matéria o saudava como “o maior romancista brasileiro, um dos maiores escritores contemporâneos” (Moraes, 1993, p. 210).

**Figura 1** – Parte da capa do jornal *Tribuna Popular* que noticiava a adesão de

Graciliano Ramos ao PCB, 18 de agosto de 1945



Fonte: Tribuna Popular, 1945a.

**Figura 2** – Graciliano Ramos na redação do *Tribuna Popular* em 1945. Da esquerda

para a direita: Paulo Mota Lima, Astrojildo Pereira, Graciliano Ramos, Aydano de

Couto Ferraz, Rui Facó, Dalcídio Jurandir e Álvaro Moreyra



Fonte: Chauvin e Neves, 2018.

O referido jornal, *Tribuna Popular*, órgão do PCB, afirmava em suas páginas que a adesão de Graciliano Ramos ao Partido representava uma compatibilidade entre o ofício do romancista e a militância política, conforme se lê:

É mais uma prova concreta de que não há nenhuma divergência entre o conceito individual de liberdade e de trabalho de um romancista com os princípios do Partido Comunista. Ao contrário, tal fato demonstra que os escritores se encontram à vontade dentro do Partido, desenvolvem mais profundamente sua capacidade de raciocínio com a ajuda do marxismo e criam condições mais amplas para a mais rica maturidade intelectual. Ao mesmo tempo oferece ao escritor possibilidades de uma alegria criadora, de um entusiasmo e de uma fé na grandeza do homem e da vida como até então nunca experimentara (1945b, p. 1).

É oportuno lembrar que, naquela época, outros destacados escritores e intelectuais brasileiros encontravam-se na militância comunista, como Jorge Amado, que também participou da excursão com Graciliano em 1952. Este fenômeno não era isolado; refletia um amplo movimento de engajamento da intelectualidade mundial com o socialismo no pós-guerra, decorrente do prestígio internacional que a URSS adquiriu com a vitória sobre o nazismo. Ainda que a obra ficcional de Graciliano Ramos (notadamente os romances já citados) seja bem conhecida, chama atenção a omissão sistemática de sua militância política, assim como o relativo esquecimento a que é relegado *Viagem* pelo mercado editorial brasileiro. Essa dissociação entre o literato e o militante comunista não deve ser encarada de forma inocente: serve para domesticar a capacidade crítica de sua obra e separá-la do propósito político de Graciliano. O nosso objetivo é, portanto, duplo: em primeiro lugar, incentivar a leitura desse relato de primeira qualidade feito por um brasileiro na União Soviética; em segundo, prestar uma singela homenagem aos 133 anos de nascimento desse grande comunista brasileiro — gesto que também se concretiza com o cumprimento do primeiro objetivo. Acrescente-se um terceiro, implícito: contribuir para reinscrever Graciliano Ramos na tradição do pensamento comunista brasileiro<sup>2</sup>.

A título de contextualização, cabe ressaltar que a jornada de Graciliano Ramos no bloco socialista passou pela Tchecoslováquia e por diversas cidades russas e georgianas na União Soviética. Em cada uma dessas localidades, o autor visitou um sem-número de fábricas, escolas, museus, bibliotecas, igrejas e instituições sociais das mais variadas, além de participar de encontros e reuniões. No entanto, para os propósitos deste texto e a fim de instigar a leitura integral da obra, o presente trabalho divide-se em dois momentos: no primeiro, selecionaram-se quatro reflexões de Graciliano para análise, sendo três em Moscou e uma em Tbilisi, capital da Geórgia. A trajetória a ser exposta passará por uma apresentação no Teatro Bolshoi; no desfile de 1º de Maio; a visita ao Mausoléu de Lenin

e um passeio pela capital georgiana. Em seguida, analisa-se a recepção do PCB à obra em três momentos, a saber: a tentativa de impugnação do livro, a crítica inicial e, por fim, a autocritica dos comunistas brasileiros sobre o tratamento dado aos escritores do Partido após as resoluções do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) em 1956.

### *O relato de Graciliano Ramos*

De início, o romancista alerta com ironia e espanto a razão de seu relato: “em abril de 1952 embrenhei-me numa aventura singular: fui a Moscou e a outros lugares medonhos situados além da cortina de ferro exposta com vigor pela civilização cristã e ocidental” (Ramos, 1970, p. 15). A viagem justifica-se pela ocasião das comemorações do 1º de Maio daquele ano, e Ramos se fez presente na delegação brasileira de “trinta e poucos” (1970, p. 18), que incluía o pianista Arnaldo Estrela e o advogado Sinval Pereira, acompanhados de delegações de outros 60 países.

O caráter da obra é suscitado pelo autor, “sinto-me no dever de narrar a possíveis leitores o que via além dessas portas, sem pretender de nenhum modo cantar louas ao Governo Soviético”, e continua, “pretendo ser objetivo, não derramar-me em elogios” (Ramos, 1970, p. 18). Naquela época, como agora, o socialismo era alvo de intensa contrapropaganda pelos meios de comunicação e informação ocidentais, alimentando um senso comum reacionário. É nesse contexto que reside a singularidade do relato de Graciliano Ramos como o de um observador que, estando na União Soviética, pôde constatar que a realidade vivida pelos soviéticos era diametralmente oposta à difundida pela propaganda hegemônica. É esse o objetivo do autor, que experienciou a viagem, conversou com nativos em diversas situações, pode andar pelas ruas, conheceu um pouco da cultura, de como viviam e se comportavam os cidadãos de uma república socialista soviética.

O percurso pela capital da Rússia soviética inicia-se com a visita ao Teatro Bolshoi, que, à época da visita de Ramos, já contava com mais de 150 anos de existência. A razão não poderia ser mais oportuna: seria apresentado o balé *Romeu e Julieta*, composto por Sergei Prokofiev<sup>3</sup> com inspiração na tragédia homônima de William Shakespeare. Como se não bastasse, a grande estrela da noite seria a bailarina Galina Ulanova, uma das maiores dançarinas do século XX, cuja admiração contagiosa da plateia a consagrava como “a maior dançarina do mundo” (Ramos, 1970, p. 53). Sobre o balé,

que julgou “sábio, alto em demasia para as minhas limitações”, o autor, maravilhado, confessa não lhe ser “possível dizer por que aquilo era grande” (Ramos, 1970, p. 53).

“Graça” registra dois outros aspectos em especial: o próprio Teatro e sua inusitada plateia. Sobre o primeiro, o que chama sua atenção é a “tradição admiravelmente conservada”, “como no tempo do czarismo”, com “escadas brilhantes” e que parecia “ter sido feito na véspera” (Ramos, 1970, p. 51). Inaugurado em janeiro de 1825, no mesmo ano da revolta dezembrista, o Teatro Bolshoi, diferente de outras épocas, não recebia mais nobres e aristocratas em suas tribunas, tampouco o tsar. Aquilo que Victor Serge descrevera em *O ano I da Revolução Russa* (2017) foi presenciado por Graciliano: o Teatro havia sido tomado pelos trabalhadores, em todos os sentidos, e assim o descreve:

No burburinho e no movimento, duas surpresas me chegavam: pessoas rudes, vazias na aparência, tinhiam recurso para ir ali mastigar frutos, pisar com botas grosseiras os tapetes destinados ao burguês e ao nobre; como ninguém as obrigava a passar algumas horas entregues à dança e ao canto, era necessário admitir que sentiam prazer nisto (Ramos, 1970, p. 52-53).

Faz-se necessário admitir, assim como o fez Ramos, que a revolução socialista soube incorporar, entre outras coisas, a arte e a cultura ao dia a dia dos trabalhadores como nenhuma outra forma social conseguiu fazer. E não poderia ser diferente, aqueles que produzem a riqueza material da sociedade devem ter o direito e livre acesso à riqueza cultural legada à humanidade. A apresentação, cuja “reconstituição rigorosa” conseguiu transformar “um caso de amor, uma luta de famílias, em vasto movimento de massas” (Ramos, 1970, p. 53), trouxe a Graciliano uma ideia incisiva: “Shakespeare ressurgia, levava ao delírio aos trabalhadores de um país bárbaro no tempo dele” (Ramos, 1970, p. 54).

Há mais de 70 anos, o “velho Graça” participava das comemorações do feriado nacional de suma importância na União Soviética, o Dia do Trabalhador. A história da data remonta a 1886, quando operários de Chicago foram às ruas reivindicar a redução da jornada de trabalho de 16 para 8 horas diárias. Após duras represálias, mortes e condenações à prisão perpétua, os trabalhadores só conseguiram a diminuição da jornada de trabalho quatro anos depois. A Segunda Internacional, em 1899, adota o dia como memória dos trabalhadores de Chicago e como símbolo da luta por condições de trabalho dignas. Em 1920 o governo soviético tornou-se o primeiro do mundo a instituir a data como feriado nacional.

A luta pela redução da jornada de trabalho também esteve presente como uma das bandeiras da revolução russa de 1905. No episódio conhecido como Domingo Sangrento,

o incipiente proletariado russo marchou rumo ao Palácio de Inverno (residência do tsar Nicolau II), e lá foi recebido a tiros e emboscadas pela guarda imperial (Serge, 2017, p. 57). No Estado dirigido pelos trabalhadores, no entanto, a jornada de 8 horas se tornou-se realidade, e, como observa Graciliano Ramos, a fábrica transformou-se em uma instituição social. Elas contavam com hospital policlínico, escola (da creche até o ensino superior), numerosas bibliotecas e salas de estudo, casa de repouso e casa de cultura, além de abrigar círculos de teatro, dança, música, cultura física e esportes.

O custo e qualidade de vida eram compatíveis com os salários; o aluguel e as despesas representavam 3 a 5% do salário do operário, que, além de ter o cotidiano repleto de atividades culturais, lia em média 40 livros por ano (havia quem lesse 120, 150 e 200 volumes), conforme aponta nosso autor (Ramos, 1970, p. 191) em visita ao Palácio de Cultura dos Operários, localizado na região industrial de Leningrado. Esse dado torna-se ainda mais significativo quando contrastado com dados anteriores à revolução: em 1897, 86% da população era analfabeta (Grenoble, 2003, p. 46), e, devido ao déficit de formação de professores, estimava-se que seriam necessários 120 anos para que toda a população europeia da Rússia fosse alfabetizada, 430 anos para as populações da Sibéria e do Cáucaso, e a assustadora previsão de 4600 anos para a alfabetização da Ásia Central, de acordo com dados do Boletim da Educação, publicado pelo Ministério da Educação da Rússia Tsarista (Bittar; Ferreira Jr., 2020, p. 31).

O entusiasmo daquele povo para as comemorações de 1º de Maio na Praça Vermelha, do feriado que lhes dizia respeito, deixou Graciliano Ramos atônito, que registrou: “o que nos enchia de pasmo era a alma de todo um povo, manifesta nas organizações de operários, de estudantes, de sociedades incontáveis. Gente das oficinas, dos esportes, dos jornais, dos teatros, a marchar sempre, sempre”, acompanhados de “cartazes e mais cartazes; enormes letreiros expostos em quadros levados por muitos indivíduos. Retratos e mais retratos: os dirigentes da revolução, antigos e modernos, de Marx e Engels a Mao Tse Tung e Togliatti” (Ramos, 1970, p. 58).

É digno de nota o registro que Graciliano faz da pluralidade da multidão. A União Soviética era formada por 15 repúblicas que somavam mais de uma centena de etnias, culturas e idiomas. Uma vasta população, distribuída em um território continental, que carregava séculos de história e tradições. Da lavra do romancista, lê-se:

O rio humano rolava sem parar, era realmente uma inundação. Mulheres carregando flores e crianças, ramalhetes braçadas de flores, robustas crianças vermelhas que pareciam ter os rostos sujos de tinta. A juventude rija das escolas, conduzindo estandartes. Homens de raças diversas. A velhice resistente ao czarismo, a duas guerras, a várias

pragas. Alguns milhões de moscovitas incorporavam-se à procissão infinidável (Ramos, 1970, p. 59).

Ao mesmo tempo, vendo o desfile, “Graça” lembra dos sofrimentos de sua gente, tristes personagens de seus romances, que contrastam em condições e sentimentos com as figuras que vislumbrava: “na sociedade nova ali patente, alegre, de confiança ilimitada em si mesma, lembrava-me da minha gente fusca, triste, e achava-me um anacronismo” (Ramos, 1970, p. 59). Cabe pontuar que o autor avistou Stalin com o auxílio de um binóculo, episódio que rendeu um capítulo à parte em suas crônicas<sup>4</sup>.

Ainda na capital da Rússia soviética, Graciliano Ramos visitou o local onde o corpo de Lenin repousava há 28 anos. Fruto da arquitetura e ciência soviéticas, o Mausoléu de Lenin preserva até hoje o corpo embalsamado do principal dirigente da revolução de 1917. Nascido Vladimir Ilitch Ulianov, Lenin foi um intelectual incendiário. Culto e disciplinado, articulava, em suas críticas, diretrizes capazes de servir de faísca para as classes subalternizadas, possibilitando a construção do socialismo pela via revolucionária. Ao apropriar-se do marxismo, soube tratar dos grandes temas de seu tempo e rebater seus detratores, dentro e fora da Rússia, notadamente aqueles que buscavam esvaziar o horizonte intrinsecamente revolucionário dessa filosofia e de sua dialética.

Antes de adentrar o recinto, Ramos faz uma observação interessante sobre a dinâmica e o significado daquele lugar para os cidadãos soviéticos. Em sua crônica, narra que “três vezes por semana uma comprida fila se torce na rua, desemboca na Praça Vermelha, avizinha-se do Kremlin, paciente e vagarosa, entra no túmulo de Lenin. Essa a que nos incorporamos devia ter uns dois quilômetros. Pouco mais ou menos. Por aí”, e prossegue: “é uma procissão que os moscovitas se habituaram, como se cumprissem um dever” (Ramos, 1970, p. 76).

A comoção expressa pela “procissão”, também afeta o alagoano ao deparar-se com a urna funerária de Lenin sob o mármore negro. Diante da “imortalidade exposta”, identifica o revolucionário russo como um “demiurgo” (Ramos, 1970, p. 77-78), um trabalhador em repouso com simples vestes, e igualmente admirado por seus semelhantes, tão real quanto eles. A dimensão da imortalidade e da figura de demiurgo é explorada por Graciliano Ramos. Em primeiro lugar, embora não estivesse mais entre os vivos e não pudesse partilhar da atmosfera concreta e contraditória da construção do socialismo, “o gênio conserva-se nos museus, nas bibliotecas, na história” (Ramos, 1970, p. 78). Dessa forma, “a figura embalsamada ainda vive” (Ramos, 1970, p. 78) — uma possível referência ao poeta Vladimir Maiakovski (2020, p. 17) que, em um poema de 1924, ano

da morte de Lenin, assegura que, a despeito de sua morte, “Lenin/ainda/está mais vivo do que os vivos”.

Em segundo, ao atribuir-lhe a figura de demiurgo, Graciliano remete ao momento decisivo do ano de 1917: a chegada de Lenin à Estação Finlândia em abril. Após uma década no exílio, Lenin regressou a Petrogrado e, ao chegar, proferiu suas famosas teses de abril, nas quais se lia, entre outras coisas, que “enquanto estivermos em minoria, desenvolveremos um trabalho de crítica e esclarecimento dos erros, defendendo, ao mesmo tempo, a necessidade de *que todo o poder de Estado passe para os sovietes de deputados operários*”, com o intuito de que “sobre a base da experiência, as massas se libertem dos seus erros” (Lênin, 2017, p. 72, grifo inserido). E Graciliano Ramos, encarando o corpo morto de Lenin, em um misto de emoções, declara, em tom de espanto e esperança, que “os lábios vão descerrar-se, ler pela segunda vez as teses lidas em 1917, em cima de um carro blindado; as mãos poderosas vão mover-se, fabricar um mundo” (1970, p. 77).

Uma possível aproximação entre nosso autor e Lenin mostra-se oportuna ao considerarmos a paixão pela literatura que ambos partilhavam. Se, por um lado, Graciliano fez da literatura seu ofício, enriquecendo as letras nacionais, o revolucionário russo incorporava a literatura de seu país em seus escritos políticos e filosóficos, conferindo-lhes materialidade: não é raro encontrar nos seus registros referências a Tchernychevski, Gogol, Puchkin e outros literatos.

Na capital da Geórgia, país banhado pelo Mar Negro, “Graça” tece considerações sobre o assim chamado “vírus do socialismo” e a função da Igreja na nova sociedade. Sobre o primeiro, uma breve nota: veiculado nas mídias da imprensa ocidental e cristã, tal “vírus” representava o tratamento histérico dado pelas classes dominantes ocidentais às novas sociedades do Leste Europeu, livres de seu domínio moral, cultural e financeiro. Ainda hoje, e com certa frequência, essa mesma expressão é utilizada por aqueles que de forma desonesta propagam seu parco conhecimento sobre o tema nas mais variadas mídias digitais e tabloides mundo afora. O “velho Graça”, atento à veiculação de notícias falaciosas sobre as experiências socialistas, decide por rebater tais investidas de forma satírica: “ao rodar no asfalto, embalava-me com uma expressão bastante usada pelas gazetas ocidentais, ponderosas: o vírus do socialismo. Os estrangeiros que aqui chegam voltam infeccionados [...] Se respirarmos isso, acabaremos doentes, julgaremos razoável uma sociedade sem mendigos e prostitutas” (Ramos, 1970, p. 113).

A capital Tbilisi contava com 700 mil habitantes à época da visita de Graciliano Ramos, que conheceu uma de suas centenas de escolas, suas dependências e modo de

funcionamento. A escola visitada pelo autor tinha 36 salas e atendia 1200 meninas distribuídas em onze séries, tinha 55 professores, dois médicos e um dentista; um auditório de 500 lugares, laboratórios e uma volumosa biblioteca integravam suas dependências. Havia aulas de russo e em outros três idiomas, além da língua materna (georgiano). Para atender todas as alunas, a escola funcionava em dois turnos, e o cálculo para alocação foi feito pelas próprias estudantes do primeiro ano. Dessa situação, Graciliano faz troça: “e aí está porque o vírus do socialismo faz estragos medonhos nessas almas em formação. As do Brasil até agora estão imunes, livres da aritmética” (Ramos, 1970, p. 113).

“Graça” visitou o Combinado Têxtil de Tbilisi e seu complexo, que envolvia muito mais do que a fábrica. No jardim de infância, crianças da mais tenra idade tinham aulas de dança — e dali “apareceriam outras Ulanovas” (Ramos, 1970, p. 119). Na sala de teatro, 600 cadeiras; ao chegar à biblioteca e tomar nota que, até abril de 1952, doze operários daquela fábrica haviam lido *Dom Quixote*, Ramos (1970, p. 120) arremata com ironia: “pessoal de mau gosto: não se preocupa com os romances policiais, tão difundidos neste hemisfério”.

A moderna capital georgiana abriga ao norte a milenar Mtskheta, antiga capital do país. Entre as ruínas arqueológicas e muralhas, o romancista visita uma série de templos religiosos, razão de suas reflexões acerca da religião frente à nova sociedade em construção. O arcebispo, figura descrita por Graciliano Ramos como um “padre de vastas barbas brancas, roupa cheia de nódoas e remendos” (1970, p. 156-157) era o responsável pelas chaves do templo. As antigas fontes de renda dos ministros eclesiásticos — como o batismo, casório e certidão de óbito — já não lhes rendiam fortuna, dízimos e prebendas igualmente não lhes traziam riqueza.

E então, qual era a fonte de sustento? Ramos (1970, p. 159) admite que ficou confuso com as informações recebidas, o que o levou a formular hipóteses: “talvez fossem funcionários públicos [...] conservadores de obras de arte e monumentos que o Estado preserva. E os templos eram na verdade museus”. Na imagemposta por nosso autor, o arcebispo, uma “ruína viva”, era o guardião de uma “ruína morta” (Ramos, 1970, p. 157) — e esta última pode significar, em uma leitura ambígua, tanto o templo quanto a própria preservação da religiosidade na vida dos cidadãos da Geórgia soviética.

Os relatos de Graciliano Ramos expõem o socialismo não pelas lentes difamatórias do “ocidente capitalista e cristão”, mas pelas lentes de quem viu e pode refletir sobre a distinção material existente entre esses dois polos do mundo. É justamente por esse motivo que a obra supera o simples relato de um turista intelectual: *Viagem*

configura-se como um ato de contraposição narrativa, um exercício de constatação da realidade por meio do testemunho ocular — exatamente o que era faltava ao debate brasileiro da época<sup>5</sup>, dominado por preconceitos e deturpações fabricadas pelas prensas hegemônicas ocidentais. O livro não se apresenta como uma apologia dogmática, como o próprio autor adverte em suas primeiras páginas, mas como um testemunho preocupado em apresentar dados e devolver rostos, vozes e cotidianos aos sujeitos que a propaganda ocidental reduzia a uma massa amorfa e ameaçadora. A força de seu relato advém da autoridade do escritor consagrado, reconhecido pelo seu rigor ético e pela sua escrita enxuta e implacável, avessa a facilidades panfletárias. Sua maravilha diante do Bolshoi, a perplexidade estatística com o número de livros lidos pelos operários e o espanto diante da multidão na Praça Vermelha são filtrados pela percepção de um homem cétilo por natureza, para quem a palavra foi feita para dizer, e não enfeitar ou brilhar como ouro falso, como afirmou certa vez nosso autor a Joel Silveira (1998, p. 284).

### *A recepção pecebista à obra*

*Viagem* chega às livrarias ao final de 1954<sup>6</sup>, em um contexto político nacional e internacional complexo. O percurso até a publicação, no entanto, encontrou percalços envolvendo o PCB e o livro, refletindo as tensões internas do Partido em relação à linha stalinista e à imagem da União Soviética. Passada a apresentação de seleções do conteúdo das crônicas, o objetivo desta seção recai em apresentar parte da recepção do Partido à obra — que transitou entre o voto explícito e a recepção tímida —, mas também em localizar essas considerações no contexto histórico específico do começo dos anos 1950.

De volta ao Brasil, “Graça” começa a sentir os primeiros sintomas da doença que viria a ceifar sua vida. Tosses com sangramento e dores no peito alarmaram seus familiares e amigos. Diagnosticado com câncer de pleura, o autor contou com uma intensa mobilização de amigos e do Partido, que se empenharam na arrecadação de fundos para sua cirurgia na Argentina e o tratamento médico. Após a intervenção cirúrgica, regressou ao Rio de Janeiro, onde passou os últimos meses de vida. Foi nesse ínterim que membros do PCB tomaram conhecimento das impressões registradas pelo autor durante sua estadia na União Soviética. O relato, que mais tarde se tornaria o livro *Viagem*, despertou desconfiança no Comitê Central, que decidiu pelo voto a publicação tanto dessa obra quanto de *Memórias do Cárcere*. No caso de *Viagem*, a justificativa foi a de que o texto “fazia referências pouco lisonjeiras à União Soviética” (Moraes, 1993, p. 311). O biógrafo (Moraes, 1993, p. 311) afirma que Astrojildo Pereira, fundador do PCB, foi encarregado

de comunicar a decisão à família, mas ressalta que há controvérsias sobre o efetivo envolvimento de Astrojildo nesse episódio.

Diógenes Arruda Câmara, acompanhado por Osvaldo Peralva, ambos membros do Partido, foram ao apartamento do autor decididos a lerem os originais. Moraes (1993, p. 312) relata que, antes da visita, Arruda dissera a Peralva que “este livro sobre a Velha [referência à União Soviética] não vai sair assim de qualquer maneira, não. Temos que ir lá para ver o que Graciliano está escrevendo”. No entanto, depararam-se com a astúcia de Ramos, que se fez de desentendido e preveniu: “ah, isso ainda está em manuscrito. Tenho que mexer muito nos originais” (Moraes, 1993, p. 313). Anos depois, em 1982, Prestes comentou sobre o episódio: “Graciliano escreveu um livro com críticas à União Soviética, críticas construtivas. Nada de anti-sovietismo. Arruda não aceitou também. Para ele, a palavra dos soviéticos era sagrada. Era cem por cento soviético”<sup>7</sup> (Moraes, 1993, p. 312). A família, todavia, rejeitou a decisão do Partido e autorizou a publicação das duas obras.

Moraes ainda demonstra que a recepção inicial foi tímida, tanto por parte dos comunistas quanto por parte da imprensa. Na grande mídia, como era de se esperar, as críticas concentraram-se em desmerecer a qualidade literária da obra, como exemplifica a opinião de Pinheiro de Lemos no jornal *O Globo*. No diário *Notícias de Hoje*, impresso em São Paulo, em texto assinado por A. P. B. afirmava: “introspectivo por excelência, Graciliano surge, como sempre, preocupado com detalhes, às vezes desprezando o fundamental. Não terá o leitor oportunidade de encontrar, ali, dados estatísticos que o auxiliem a avaliar o progresso do povo soviético, em termos de números e cifras”, e acrescenta que “sem quaisquer concessões à exaltação fácil e ao basbaquismo, entusiasmo pela pátria dos trabalhadores e pelo que tem feito o poder soviético no sentido de elevar o nível de vida do povo” (Moraes, 1993, p. 313).

Já na imprensa católica<sup>8</sup>, o padre Artur Costa (1955, p. 3) sustentava que o livro de Graciliano “põe a nu vários aspectos da vida soviética que, conhecidos no exterior, não poderão servir à propaganda do regime”, e denuncia o banimento das regras de educação, e cita como exemplo as multidões que “invadiam” o Bolshoi. Por outro lado, o que chamou a atenção do colunista Alvaro (1954, p. 2), do jornal *A Tribuna*, foi episódio em que Graciliano Ramos acende um cigarro nas dependências subterrâneas de Moscou e é rapidamente advertido por um guarda. Graciliano Ramos narra que, diante da repreensão, primeiro arremessa o cigarro ao chão e, ao ser novamente advertido, recolhe-o envergonhado. Jorge Kaluguin, responsável por ciceronear o romancista, justificou a ação do guarda e o advertiu: “salas suntuosas não eram feitas para que nós as sujássemos com cinza” (Ramos, 1970, p. 42). Aproveitando-se do incidente, Alvaro (1954, p. 2)

reflete de modo ácido: “somos cidadãos duma terra livre. Isto aqui, senhores, não se nivelava com a ditadura dos Soviets, onde não se tem o direito de atentar contra o asseio dos pisos de mármore, nos vestíbulos dos trens subterrâneos!”. Raul Lima (1954, p. 3) também recorre a esse incidente para destacar o diferencial do relato do “velho Graça”, que não hesita em narrar suas próprias gafes, desapontamentos e dificuldades.

Na nota de leitura de Valdemar Cavalcanti (1954, p. 1), o foco recai sobre a reação de Graciliano ao contactar com “a terra e a gente estrangeiras”. O crítico recomenda a leitura “menos pelo que nele contém sobre a Tchecoslováquia e a URSS e mais pelo que nos revela sobre esse complexo ser humano que foi Graciliano Ramos”. Em sintonia com essa perspectiva, o breve comentário de Adriano Pinto (1954, p. 46) no *Diário de Notícias*<sup>9</sup> ressalta que a obra evidencia as qualidades literárias do autor e o seu posicionamento político. Segundo ele, *Viagem* narra o que Graciliano presenciou, pois “não viu o paraíso nem o inferno na Rússia. Viu o trabalho imenso de um povo em ascensão, seus campos, suas fábricas”. Por fim, coube a Reinaldo Dias (1954, p. 5) a recepção mais elogiosa: em texto publicado no *Última Hora*, o crítico argumentou que Graciliano “imprimiu ao seu livro póstumo aquelas mesmas grandes qualidades de sua obra dita de ficção”, e concluiu que “não se poderá, já agora, abstrair, da galeria de suas grandes obras, esta última [referindo-se a *Viagem*], que assume a mesma importância que as demais”.

A morte de Stalin, em 5 de março de 1953, mergulhou setores significativos da intelectualidade de esquerda em estado de apreensão e luto. Já hospitalizado, Graciliano Ramos chorou a notícia e temeu que o ocorrido pudesse significar a derrocada da União Soviética, “pondô a perder as conquistas do socialismo”, como assegura Moraes (1993, p. 302). Uma angústia semelhante foi partilhada pelos poetas chilenos Pablo Neruda e Rubén Azócar, que adotaram gravatas negras em sinal de luto, conforme relata Jorge Amado (1992, p. 123). O próprio Amado conta que, ao receber a notícia, ficou “parado, solitário, perdido, os olhos secos, o coração apertado”.

Apenas quinze dias depois, em 20 de março, às cinco horas e trinta e cinco minutos, o mestre “Graça” tem seus batimentos cardíacos cessados para sempre. Em 26 de março, o jornalista Luiz Pinto (1953, p. 4) recorda, em artigo publicado no jornal *A Manhã*, as conversas que tivera com o romancista na livraria José Olympio. Entre outras coisas, relata que Graciliano lhe revelara estar com um livro quase pronto, intitulado *Minhas prisões*, mas que interrompera o trabalho para dedicar-se integralmente às impressões sobre a viagem à Rússia. Esse depoimento é de grande relevância, pois inscreve Luiz Pinto como um dos primeiros — senão o primeiro — interlocutores a

register textualmente o plano de trabalho das obras que só seriam conhecidas do público posteriormente. *Minhas prisões* é, provavelmente, o projeto que se tornaria o livro conhecido como *Memórias do Cárcere* e que, assim como *Viagem*, o autor não logrou concluir. O que Graciliano Ramos não poderia imaginar é que, anos depois, suas obras inicialmente contestadas e censuradas pelo PCB encontrariam finalmente redenção.

O impacto sentido pelo movimento comunista internacional após o XX Congresso do PCUS, realizado em fevereiro de 1956, repercutiu intensamente entre os comunistas brasileiros. No congresso, Nikita Khruschov proferiu, em sessão fechada, o famoso discurso sobre o culto à personalidade e suas consequências, no qual detalhou a conduta repressiva e violenta que caracterizou a linha oficial partidária durante os anos de liderança de Stalin no PCUS e na União Soviética. Vinhas (1982, p. 178) definiu os meses subsequentes para a direção do PCB como um “estado de catalepsia”, marcado por choques e por uma crise política profunda. Entre os militantes, havia quem inicialmente contestasse a existência do documento, atribuindo-o a uma invenção dos inimigos imperialistas e da CIA (*Central Intelligence Agency*, a Agência Central de Inteligência dos EUA). Um caso sintomático foi o de Carlos Marighella, que chorou ao escutar o relato dos crimes de Stalin (Amado, 1992, p. 118-119).

A imprensa do Partido publicou, de março a setembro daquele ano, uma série de artigos de dirigentes de outros partidos comunistas que discutiam o discurso de Khruschov (Segatto, 2022, p. 37-38). Uma resolução do Comitê Central do PCB sobre os ensinamentos do XX Congresso do PCUS foi publicada em 20 de outubro no *Voz Operária* (1956, p. 7), na qual apresentava, no sexto ponto do texto, uma autocrítica da postura arrogante e autossuficiente dos dirigentes brasileiros que, por essas características, “tolhiam a democracia interna, a liberdade de opinião e crítica”. A resolução apontava para a necessidade de correção dessas posturas, e destacava, entre outras coisas, que “a liberdade de criação artística e a atividade criadora dos intelectuais comunistas devem ser incentivadas e respeitadas”.

Na esteira desse movimento, encontram-se outros dois artigos publicados dias antes no *Imprensa Popular*, diário carioca vinculado ao Partido. Ainda que o texto do romancista Dalcídio Jurandir, publicado na edição de 9 de outubro, tenha vindo acompanhado de uma nota da redação salientando que “os pontos de vista expostos são feitos exclusivamente a título pessoal”, é possível notar as lamentações de Jurandir (1956, p. 3): “fomos um modelo de como tratar mal aqueles escritores e companheiros de vida literária que divergiam e divergem de nós”.

Três dias depois, na edição de 12 de outubro do *Imprensa Popular*, Moacir Werneck de Castro (1956, p. 3), em complemento ao texto de Jurandir, afirma: “a deformação stalinista do marxismo, nos últimos anos, não significou apenas uma quantidade de erros com resultados mais ou menos sinistros”, mas também “determinou por toda parte a estagnação do pensamento teórico, instituiu uma tutela revoltante sobre a criação literária e artística e impediu de circular a seiva da ‘árvore da vida sempre verde’”. A reavaliação política, no entanto, esbarra na resistência de setores do Partido em romper publicamente com a linha e os métodos anteriores<sup>10</sup>. A publicação dos artigos de Jurandir e Werneck de Castro em um órgão de comunicação do Partido, ainda que com ressalvas, indica uma abertura para o debate, mas também demonstra as resistências internas, já que a redação julgou necessário demarcar que as opiniões eram “pessoais”. Esta ambiguidade reflete o clima do PCB no período após o XX Congresso do PCUS, marcado por uma tensão entre a necessidade de renovação e o peso de uma cultura política enraizada.

Os anos 1950 foram marcados por tensões internas nos Partidos Comunistas, e o exemplo de *Viagem* retrata parte desse movimento mais geral na militância comunista daquela época. Os caminhos da obra espelham a contradição dos Partidos Comunistas em relação às diretrizes da União Soviética do período stalinista, bem como a prática de vetar obras sem nem sequer lê-las, baseando-se apenas em relatos ou comentários. É possível, assim, observar três momentos distintos da recepção dos comunistas à referida obra de Graciliano Ramos: o veto e publicação, a discreta recepção inicial, e por fim, a postura autocritica adotada após o Congresso do PCUS em 1956. Caso se possa esboçar um quarto momento, do qual este trabalho participa, insistimos na necessidade de fazer justiça à atuação política e à visão de mundo partilhada por um de nossos grandes escritores, não as escondendo ou vilipendiando, mas sim reafirmando-as, mais do que nunca.

Para além do debate na esfera partidária, a recepção de *Viagem* deve ser compreendida no contexto mais amplo das batalhas culturais da Guerra Fria no Brasil. As críticas veiculadas pela grande imprensa hegemônica, que depreciavam o valor literário da obra, contrastavam com os elogios do entusiasmo de Graciliano pela pátria dos trabalhadores. Em última instância, tais críticas diziam mais sobre os críticos do que sobre a obra em si. Dessa forma, o livro foi instrumentalizado por diferentes grupos: para a direita, era uma prova cabal das decepções de Graciliano Ramos com o socialismo real; para a esquerda “arrudista”, um desvio inconveniente; e para o marxismo em processo de renovação, um exemplo emblemático dos erros do passado.

### Considerações finais

Revisitar *Viagem* após mais de 70 anos permite algumas reflexões. A mais gritante delas é o fato que tanto o autor quanto a formação social observada já não existem mais; o que pode gerar, inicialmente, uma sensação de anacronismo. Contudo, o que não se pode perder de vista é a potência intrínseca que a obra carrega. Em primeiro lugar, sua narrativa é eficaz para desfazer calúnias sobre o socialismo e suas experiências no século XX, bem como apresentar, com honestidade, como de fato viviam e trabalhavam as pessoas nessa nova sociedade. Graciliano Ramos, à maneira de um cientista em observação *in loco*, toma nota de tudo que vê e ouve, e digere as informações como um intelectual engajado e crítico. E seu empenho em escrever os capítulos — mesmo enfermo —, demonstra a importância por ele conferida à obra.

Em segundo lugar, e de modo conexo, a disputa pelo veto ou publicação expressa o momento histórico do movimento comunista internacional e seus impactos nos comunistas brasileiros na primeira parte da década de 1950, compreendido entre a visita do romancista à União Soviética, em 1952, e o XX Congresso do PCUS, em 1956. Igualmente, a autocrítica do Partido atestava o comprometimento dos comunistas com a realidade, mesmo quando os fatos colidiam com as antigas convicções — o que constitui parte importante da herança daqueles que reivindicam a dialética e o compromisso com a verdade.

Analizar a controvérsia em torno de *Viagem* possibilita iluminar as complexas e por vezes contraditórias relações entre arte e política no meio intelectual brasileiro da época. A obra preserva não só os últimos escritos do escritor comunista alagoano, mas também demonstra que não existe uma barreira intransponível entre a figura do literato e do militante comunista comprometido com a emancipação humana das limitações da sociabilidade capitalista. Ao contrário, em Graciliano Ramos, os dois vultos fundem-se de maneira orgânica, rendendo à cultura e à literatura brasileiras um relato de envergadura única — um testemunho que é, simultaneamente, crônica de viagem, documento histórico e a derradeira manifestação da genialidade literária de um dos nossos maiores escritores.

### Referências

A CRUZ. Movimento literário. Rio de Janeiro, ano XXXVI, n. 1941, p. 3, 23 maio 1954. Disponível em: <https://bit.ly/4fTnBhn>. Acesso em: 26 ago. 2025.

ALVARO. Vida Social: o direito da falta de asseio. *A Tribuna*. Santos, ano LXI, n. 208, p. 2, 26 nov. 1954. Disponível em: <https://bit.ly/4lMhX1V>. Acesso em: 26 ago. 2025.

AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

BITTAR, Marisa.; FERREIRA JUNIOR, Amarílio. *A educação soviética*. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

CASTRO, Moacir Werneck de. Uma discussão que está em tôdas as cabeças: Sem extirpar o dogmatismo não conseguiremos avançar. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, ano IX, n. 1937, p. 3, 12 out. 1956. Disponível em: <https://bit.ly/3RZOTVQ>. Acesso em: 26 jun. 2025.

CAVALCANTI, Valdemar. Jornal literário. *O Jornal do Rio de Janeiro* [Revista doze páginas]. Rio de Janeiro, ano XXXV, n. 10499, p. 1, 28 nov. 1954. Disponível em: <https://bit.ly/4mwykAJ>. Acesso em: 26 ago. 2025.

CHAUVIN, Jean Pierre; NEVES, Rodrigo Jorge Ribeiro. Vida, literatura e engajamento. *Revista Cult.* 8 out. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3I1JbDK>. Acesso em: 26 jun. 2025.

COSTA, Artur. Um pouco de tudo. *A Cruz*. Rio de Janeiro, ano XXXVII, n. 1998, p. 3, 26 jun. 1955. Disponível em: <https://bit.ly/4lWb4LK>. Acesso em 26 de ago. de 2025.

DIAS, Reinaldo. Crítica de rodapé: Viagem. *Última Hora*. Rio de Janeiro, ano IV, n. 1040, p. 5, 6 nov. 1954. Disponível em: <https://bit.ly/3VjCzUp>. Acesso em: 26 ago. 2025.

GRENOBLE, Lenore. *Language Policy in the Soviet Union*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003.

JURANDIR, Dalcídio. Uma discussão que está em tôdas as cabeças: carta a João Batista de Lima e Silva escrita por Dalcídio Jurandir. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, ano IX, n. 1934, p. 3, 9 out. 1956. Disponível em: <https://bit.ly/3Cwl7IT>. Acesso em: 26 jun. 2025.

LÊNIN, Vladimir. Teses de Abril. In: MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich.; LÊNIN, Vladimir. *Manifesto Comunista e Teses de Abril*. Tradução de Daniela Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 69-74.

LIMA, Raul. Livros e fatos: O velho Graça era diferente. *Diário de Notícias* [Suplemento literário]. Rio de Janeiro, ano XXV, n. 9832, p. 1-5, 21 nov. 1954. Disponível em: <https://bit.ly/4mSFhN3>. Acesso em: 26 ago. 2025.

MAIAKOVSKI, Vladimir. Vladimir Ilitch Lenin. In: *Lenin 150*. Tradução de Zolia Prestes. São Paulo: Expressão Popular, 2020, p. 17-116.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: José Olympio, 1993.

O JORNAL DO RIO DE JANEIRO. Notícias literárias. Rio de Janeiro, ano XXXV, n. 10229, p. 7, 12 jan. 1954. Disponível em: <https://bit.ly/45DMWbS>. Acesso em: 26 ago. 2025.

PINTO, Adriano. No mundo das letras. *O Mundo Ilustrado*. Rio de Janeiro, n. 97, p. 46, 8 dez. 1954. Disponível em: <https://bit.ly/4696LYv>. Acesso em: 26 ago. 2025.

PINTO, Luiz. Recordando Graciliano Ramos. *A Manhã*. Rio de Janeiro, ano XII, n. 3566, p. 4, 26 mar. 1953. Disponível em: <https://bit.ly/4mz46gv>. Acesso em: 26 ago. 2025.

PORTAL DO PCB. Breve histórico do PCB (Partido Comunista Brasileiro). 9 p. Disponível em: <https://bit.ly/3TrjzAB>. Acesso em: 26 jun. 2025.

RAMOS, Graciliano. *Viagem*. São Paulo: Livraria Martins, 1970.

SEGATTO, José Antonio. Renovação teórica e política do PCB. In: ARAUJO, Caetano Pereira de (org.). *Khruschev denuncia Stálin: revolução e democracia*. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2022, p. 34-45.

SERGE, Victor. *O ano I da Revolução Russa*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2017.

SILVEIRA, Joel. *Na fogueira: memórias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

TORRES, Raquel Mundim. Relatos de viagem de brasileiros à URSS na Guerra Fria: por uma tipologia possível (1950-1963). In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2017, Brasília. *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História – contra os preconceitos: história e democracia*. Brasília: 2017, p. 1-19.

TRIBUNA POPULAR. Adere ao Partido Comunista o escritor Graciliano Ramos. Rio de Janeiro, ano I, n. 77, p. 1, 18 de ago. de 1945a. Disponível em: <http://bit.ly/4eoWsSH>. Acesso em: 26 jun. 2025.

TRIBUNA POPULAR. Graciliano Ramos ingressa no Partido Comunista do Brasil e participa da luta pela Constituinte. Rio de Janeiro, ano I, n. 77, p. 1-2, 18 de ago. de 1945b. Disponível em: <https://bit.ly/3PRWo3O>. Acesso em: 26 jun. 2025.

VINHAS, M. *O Partidão: a luta por um partido de massas*. São Paulo: Hucitec, 1982.

VOZ OPERÁRIA. Projeto de resolução do C.C. do P.C.B. sobre os ensinamentos do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, o culto à personalidade e suas consequências, a atividade e as tarefas do Partido Comunista do Brasil. Rio de Janeiro, n. 388, p. 6-7, 20 de out. 1956. Disponível em: <https://bit.ly/3XnnTEN>. Acesso em: 11 nov. 2025.

Artigo recebido em 17/07/2025

Artigo aprovado para publicação em 11/11/2025

Editor(a) responsável: Giovana Cobello

<sup>1</sup>Jorge Amado (1992, p. 438, colchetes inseridos), em sua autobiografia, bem escreve que “de fato me pergunto qual o intelectual válido, o homem político de importância da América Latina que não tenha assentado praça no pecê [Partido Comunista] de seu país: não serão muitos”.

<sup>2</sup> Infelizmente, tal objetivo ainda se mostra válido diante da recente nota publicada pela Academia Brasileira de Letras (ABL), que, em um texto que envergonharia seu fundador, ignora por completo as posições políticas defendidas por Jorge Amado. Disponível em: <https://bit.ly/4fSNFJu>. Acesso em: 27 ago. 2025.

<sup>3</sup> Um trecho dessa belíssima composição (cena I do ato II, “dança dos cavaleiros”) pode ser vista numa apresentação da Orquestra Sinfônica de Londres: [https://youtu.be/Z\\_hOR50u7ek](https://youtu.be/Z_hOR50u7ek). Acesso em: 25 jun. 2025.

<sup>4</sup> Não é objetivo deste trabalho realizar uma reflexão crítica sobre o significado da figura de Stalin (ou do stalinismo) e seus reflexos no movimento comunista internacional. Cabe destacar, no entanto, que a viagem de Graciliano Ramos ocorreu em 1952, no ano anterior à morte de Stalin — que, à época, consolidava três décadas à frente do PCUS. Por esse motivo, é compreensível a simpatia do autor e dos outros membros dos partidos comunistas, que em sua grande maioria partilhavam dessa admiração pelo líder soviético. As impressões registradas por Ramos, contudo, permanecem como um importante registro histórico da percepção que tal figura era capaz de causar em um intelectual membro de um Partido Comunista, revelando assim uma faceta do fenômeno que foi o stalinismo.

<sup>5</sup> O estudo de Tôrres (2017) mostra que essa necessidade não foi sentida apenas por Graciliano Ramos. Entre as décadas de 1950 e 1960, foram publicados 32 relatos de viajantes brasileiros à União Soviética. A autora categoriza a posição política desses autores da seguinte forma: 7 comunistas, 11 simpatizantes, 5 anticomunistas e 9 de posição “não definida”.

<sup>6</sup> A capa do livro contém uma ilustração de Cândido Portinari (1954), com demarcação da rota de viagem de Graciliano Ramos: Paris, Rio de Janeiro, Praga, Tbilissi, Rostov, Kharkov, Minsk, Moscou e Leningrado. A imagem está disponível no Acervo do Projeto Portinari. Disponível em: <https://bit.ly/4kbHYXF>. Acesso em 26 de jun. de 2025.

<sup>7</sup> Prestes faz referência ao que chamou de “arrudismo” na célebre *Carta aos Comunistas* de março de 1980: “utilização de métodos discricionários e autoritários na condução da luta interna, à manipulação dos debates, à rotulação das pessoas com as mais variadas etiquetas”. Disponível em: <https://bit.ly/3pGmdsV>. Acesso em: 26 jun. 2025.

<sup>8</sup> Cerca de um ano antes, em 23 de maio de 1954, *A Cruz* anunciou por meio da coluna “Movimento literário” (1954, p. 3) que a editora José Olympio lançaria livros póstumos de Graciliano Ramos. Entre as obras listadas estava um livro de impressões sobre a viagem à Rússia, intitulado “Por trás da cortina de ferro”. Há de se investigar se o curioso título ficara a cargo da gazeta católica, uma vez que *O Jornal do Rio de Janeiro* (1954, p. 7) já havia noticiado em 12 de janeiro do mesmo ano o livro de Graciliano com o título pelo qual hoje o conhecemos.

<sup>9</sup> O jornal reproduziu, na página anterior, alguns trechos de *Viagem*, seguidos de comentários suscitos.

<sup>10</sup> Uma das raízes da dissidência liderada por João Amazonas, Maurício Grabois e Pedro Pomar, e que anos depois, em 1962, fundaria o PCdoB, pode ser encontrada nesse processo.